

Para Amaral, emissão foi um negócio vantajoso

por Livia Ferrari
do Rio

"É a primeira operação de redução da dívida que o Brasil faz com os bancos credores e em condições altamente vantajosas para o País." A afirmação foi feita pelo coordenador para assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, ao comentar o lançamento, ontem, dos bônus de saída ("exit bond") com garantia do governo brasileiro, no valor "de pouco mais de US\$ 1 bilhão", que serão trocados por dívida externa.

Os novos títulos terão 25 anos de prazo de pagamento, dez anos de carência e taxas de juro fixas de 6% anuais — "um percentual de juros bem abaixo do praticado atualmente pelo mercado internacional, de cerca de 9,5% (Libor mais 13/16%)", observou Amaral, ao admitir que a possibilidade de lançamento pelo Brasil de novos bônus de saída será discutida pela missão brasileira, em reunião, no próximo dia 8, em Nova York, com o comitê de bancos credores. Sérgio Amaral é um dos integrantes dessa missão.

Segundo ele, cerca de cem bancos japoneses e americanos de pequeno e médio portes participam deste primeiro lançamento de bônus de saída, que poderão ser convertidos, dentro de 90 dias, em Bônus do Tesouro Nacional (BTN) cambial. Amaral garante que a operação, devido ao seu montante, não terá impacto negativo sobre a dívida interna brasileira. Ele lembrou que os bancos credores participantes desse mecanismo não poderão emprestar dinheiro novo ao Brasil no futuro.

O coordenador para assuntos internacionais do Ministério da Fazenda não se recusou a comentar as recentes críticas feitas pelo economista americano Jeffrey Sachs, segundo as quais a equipe econômica brasileira "negocia mal" com os credores externos. No entender de Amaral, "uma coisa é fazer críticas do ponto de vista acadêmico; outra coisa é sentar à mesa de negociações". Ainda assim, ele afirmou concordar com algumas das críticas feitas pelo economista americano, mas não quis especificar quais.